

ENTREVISTA

a jornalistas no
Ministério da Fazenda

Pedro Malan

"Não é verdadeiro que todos os diretores do Banco Central sairão. Haverá mudanças em algumas diretorias, mesmo porque eles haviam comunicado que tinham planos de sair do banco"

Ronaldo de Oliveira



Malan: "Não gosto de fazer previsões. Não acho pertinente que eu diga quando (o dólar) vai cair, para quanto vai cair..."

Pergunta — Arminio Fraga trabalhou com George Soros (megainvestidor) até ontem. Soros critica a política de juros altos (praticada pelo governo), que provocou uma recessão. Essa é a orientação de Fraga?

Pedro Malan — Arminio Fraga desligou-se integralmente de qualquer atividade profissional que tinha para assumir as novas responsabilidades, se seu nome for aprovado pelo Senado Federal. Portanto, não vejo qualquer relação com a opinião pessoal de alguém com quem ele trabalhou até recentemente. Arminio Fraga tem personalidade própria, opiniões próprias. É um economista de excelente calibre e por isso não vejo nenhum sentido em estabelecer relações entre as

opiniões do doutor George Soros, por mais respeito que tenhamos por ele, e as opiniões do doutor Arminio Fraga, que as expressará com a sua competência habitual.

Pergunta — O que guiou o presidente Fernando Henrique Cardoso para manter o senhor no Ministério da Fazenda e trocar a direção do BC?

Malan — Eu acho que a pergunta deveria ser dirigida ao Presidente da República. Há razões que levaram tanto a mim quanto ao doutor Francisco Lopes colocarmos o presidente da República totalmente à vontade — como se isso fosse preciso, porque qualquer cargo desse tipo está permanentemente à disposição.

Pergunta — É uma decisão de governo afastar definitivamente figuras que caracterizavam a política de câmbio anterior exceto o senhor, que está ficando?

Malan — Quem teve a oportunidade de ver o excelente depoimento do professor Francisco Lopes quando ele compareceu ao Senado Federal, para efeito da sua arguição, viu que o professor foi muito claro ao dizer que ele foi diretor do BC durante quatro anos e, portanto, absolutamente comprometido com a condução da política econômica do governo. Ele notou com clareza naquela exposição, como nós temos tentado ressaltar aqui, que a política cambial já vinha desde 1997 desvalorizando o real

em relação ao dólar americano. E que essa estratégia gradual de depreciação do real frente ao dólar teria continuidade. A resposta que eu daria é a seguinte: assim como aqui nesta sala em setembro e outubro do ano passado nós deixamos claro que a crise internacional e a percepção das vulnerabilidades da economia brasileira deixaram clara a necessidade de abandonarmos a estratégia gradualista na área de fiscal, a percepção de vulnerabilidade acabou indicando a necessidade do abandono da estratégia gradualista de depreciação do câmbio em relação ao dólar que vinha marcando o período anterior. O doutor Francisco Lopes explicou com clareza a razão pela qual a mudança foi feita.

Pergunta — Que avaliação o senhor faz dessa mudança no Banco Central? Vai ter efeito imediato no real?

Malan — Não gosto de fazer essas previsões. Seria temerário. Não acho que é pertinente que eu diga quando vai cair, para quanto vai cair. Isso depende de um complexo de forças atuando no mercado e de percepções e expectativas sobre a economia brasileira e seu futuro. Depende, em particular, da nossa capacidade de demonstrar que temos condições de equacionar o problema fundamental da economia brasileira: o das contas públicas.

Pergunta — Quando o senhor colocou seu cargo à disposição?

Malan — Não saberia dizer exatamente o dia e a hora. O importante é que a decisão do presidente nos foi comunicada num prazo hábil.

Pergunta — O doutor Arminio tem perfil de operador. Nesse momento o governo precisa de uma pessoa com profundo conhecimento do funcionamento do mercado?

Malan — A operação do regime de câmbio flutuante requer reforço de algumas áreas do BC. É um sistema novo com o qual o País tem que se habituar a conviver e o BC precisa operar com mecanismos de intervenção que nós teremos em vigor brevemente. Portanto, a decisão é de reforçar o BC. É nesse sentido que a contribuição do doutor Arminio Fraga é importante. Ele tem anos de experiência e reconhecimento internacional. Reconhecimento também no mercado doméstico, pois já desempenhou com muita competência a função de diretor do BC.

Pergunta — Ministro, a equipe econômica tem insistido que voltará a ter credibilidade. É por isso que está sendo mudada toda a diretoria do Banco Central? O FMI foi consultado?

Malan — Primeiro deixe-me fazer uma correção. Não é verdadeiro que todos os atuais diretores sairão. Haverá mudanças em algumas diretorias, mesmo porque alguns dos diretores que lá estão já haviam comunicado que tinham planos de sair do banco durante a mudança de governo. Não o fizeram, porque apelamos para que permanecessem até que substitutos à altura pudessem ser encontrados. Não houve qualquer tipo de consulta (a órgãos internacionais), o que teria que ser rechaçado como interferência indébita e inaceitável na decisão

interna de um país soberano. Não passa pela cabeça de ninguém imaginar que alguém possa sugerir ao Brasil alterações de nomes de posições de chaves, seja na equipe econômica, seja em qualquer área.

Pergunta — O que muda na política econômica? Ontem o senador Antonio Carlos Magalhães fez um apelo contra os especuladores e o presidente indicado com o BC é muito ligado ao George Soros, que é conhecido como um megaespeculador.

Malan — Não há alteração nos rumos da política econômica. Vi com interesse o excelente discurso do presidente do Senado. O papel dos especuladores é uma coisa que nos preocupa. O BC estará atento, fazendo análise cuidadosa de certo tipo de operações que possam ter configurado ação especulativa.

Malan — Não gosto de fazer essas previsões. Seria temerário. Não acho que é pertinente que eu diga quando vai cair, para quanto vai cair. Isso depende de um complexo de forças atuando no mercado e de percepções e expectativas sobre a economia brasileira e seu futuro. Depende, em particular, da nossa capacidade de demonstrar que temos condições de equacionar o problema fundamental da economia brasileira: o das contas públicas.

Pergunta — Quando o senhor colocou seu cargo à disposição?

Malan — Não saberia dizer exatamente o dia e a hora. O importante é que a decisão do presidente nos foi comunicada num prazo hábil.

Pergunta — O doutor Arminio tem perfil de operador. Nesse momento o governo precisa de uma pessoa com profundo conhecimento do funcionamento do mercado?

Malan — A operação do regime de câmbio flutuante requer reforço de algumas áreas do BC. É um sistema novo com o qual o País tem que se habituar a conviver e o BC precisa operar com mecanismos de intervenção que nós teremos em vigor brevemente. Portanto, a decisão é de reforçar o BC. É nesse sentido que a contribuição do doutor Arminio Fraga é importante. Ele tem anos de experiência e reconhecimento internacional. Reconhecimento também no mercado doméstico, pois já desempenhou com muita competência a função de diretor do BC.

Pergunta — Arminio Fraga já vai começar a participar das reuniões com o FMI?

Malan — Deve ter saído no Diário Oficial a designação do doutor Arminio Fraga, que chega agora na hora do almoço à Brasília, como assessor especial do ministro da Fazenda. Na condição de assessor especial, obviamente fará aquilo que for combinado em termos de tarefas.

Pergunta — Ministro, o senhor disse que colocou seu cargo à disposição. O senhor o colocou com alguma condição? Pedi um tempo?

Malan — Não há nenhum prazo acertado para permanência. Eu permanecerei no cargo enquanto gozar da confiança do presidente da República. É a ele em última análise que cabe avaliar os seus ministros. Ver se estou desempenhando à altura as expectativas que ele e o país têm sobre o meu trabalho no Ministério da Fazenda.